



Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Centro de Educação- CEDU
Maceió - Alagoas - Brasil

NARRATIVAS DE UMA JOVEM UNIVERSITÁRIA DA PEDAGOGIA: a importância da entrevista biográfica em educação para o estudo com as juventudes¹

Isabel Oliveira (UFAL)

belcrysos@hotmail.com

Rosemeire Reis (UFAL)

reisroseufal@gmail.com

RESUMO

O artigo tem como objetivo identificar a importância da universidade para a vida de uma jovem participante de uma pesquisa de doutoramento em educação pela UFAL e evidenciar a importância do dispositivo de intervenção: “entrevista de pesquisa biográfica em educação”, para que as participantes em geral sejam co-construtoras da pesquisa. O estudo se insere num arcabouço qualitativo, com abordagem biográfica, alicerçada na hermenêutica dos sentidos das experiências vividas. Apresenta os pressupostos teóricos/metodológicos da entrevista de pesquisa biográfica e a análise do relato de uma jovem estudante do curso de Pedagogia em mobilidade geográfica diária. Identifica-se que estar em trânsito cotidianamente para estudar não é próprio do ensino universitário, pois a jovem já estudava fora de sua cidade no ensino médio. Evidencia-se, ainda, que as experiências em diferentes atividades da universidade, se são apreendidas com dificuldade no início do curso, são também fontes de valorização de si, especialmente os laços de amizade construídos, a apropriação dos conteúdos acadêmicos com criticidade, dentre outros aspectos. Ela considera que tais dimensões da formação são significativas, produzindo a valorização de si e o desejo de continuar o aprimoramento na vida acadêmica. Identifica-se, ainda, que pelo dispositivo da entrevista biográfica em educação nas pesquisas com juventudes, dimensões da formação de si, seus modos expressão são incluídas na pesquisa, em consonância com o pressuposto de realizar estudos com os/as jovens e não sobre eles/as.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista de pesquisa biográfica. Jovem universitária. Juventudes. Narrativa.

¹ Alguns trechos encontram-se na primeira pessoa do singular, consolidando meu posicionamento enquanto pesquisadora. Demais reflexões estarão na primeira pessoa do plural.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo está inserido no campo de pesquisas brasileiras voltadas às juventudes², que se debruçam sobre a construção de si como estudante nas universidades federais. Nesse sentido, partimos da concepção de juventudes como categorial relacional e social, que ultrapassa os condicionantes biológicos, sendo impossível uma definição precisa, podendo ser compreendida conforme Reis (2022, p. 33), “enquanto coletividades e/ou sujeitos singulares/sociais com suas relações com o mundo, com os outros e consigo mesmos e como sujeitos de direitos”.

Apesar da imprecisão, cada sociedade traça marcadores políticos para reunir as juventudes sob um parâmetro. No Brasil, por exemplo, o documento Estatuto da Juventude, lei nº 12.852 de 05 de agosto de 2013, qual dispõe sobre os direitos das(os) jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE, define a temporalidade como principal marcador juvenil, sendo jovens, aqueles(as) entre 15 e 29 anos. Nas palavras de Dayrell (2005, p. 03), “significa dizer que em qualquer sociedade humana existe uma forma própria de categorizar os tempos da vida, atribuindo significados culturais a cada uma das etapas do desenvolvimento humano”. Sem desconsiderar o viés etário, adotamos o princípio sociológico das juventudes como fator múltiplo, sendo jovens aqueles(as) que se entendem como tais.

Destarte, Reis (2022), afirma que os modos de expressão juvenis, os saberes e aprendizagens que representam um coletivo e ao mesmo tempo uma inscrição singular, podem ser construídos por atividades realizadas em diferentes espaços sociais, sendo a universidade um desses espaços importantes, com suas lógicas próprias de aprendizado.

Porquanto, o artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutoramento em educação³, qualitativa, com abordagem biográfica, alicerçada na

² Compreendemos que a categoria sociológica juventude deve ser analisada pela dimensão das juventudes, como plurais, a partir dos contextos históricos, políticos, culturais específicos dos grupos que são pesquisados.

³ A pesquisa, previamente intitulada: “narrativas biográficas de jovens universitárias da Pedagogia em mobilidade geográfica diária: uma história de si a partir das experiências formativas”, se insere em uma pesquisa maior denominada “pesquisa biográfica em educação, juventude e mobilização para aprender: estudos empíricos e perspectivas teóricas”, sob a coordenação da profa. Dra. Rosemeire Reis (2018), no âmbito do Grupo de Pesquisa Juventudes, Culturas e Formação, do Centro de Educação da UFAL (GPEJUV) e que conta com financiamento do CNPq. A pesquisa está sendo realizada com quatro jovens estudantes mulheres da Pedagogia, no Campus A. C. Simões da UFAL, em mobilidade geográfica diária – ou seja das cidades circunvizinhas a Maceió, capital do estado de

hermenêutica dos sentidos das experiências vividas. Esse artigo tem como objetivo identificar o lugar da universidade na vida de uma destas jovens e evidenciar a importância do dispositivo de intervenção: “entrevista de pesquisa biográfica em educação”, para que as participantes da pesquisa sejam co-construtoras, e não só objeto de conhecimento científico, o que é pertinente com o pressuposto de estudar com os/as jovens e não realizar pesquisas sobre eles/as.

A V pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação: das instituições federais de ensino superior brasileiro”, publicada, pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE, 2018), comunica um crescimento e diversificação da população estudantil, relacionada diretamente as políticas de expansão desta etapa formativa – por meio do Programa de Apoio e Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). É notório que o investimento estrutural proporcionou uma mudança no perfil dos(as) estudantes brasileiros(as), possibilitando a incorporação de grupos sociais que antes eram excluídos desse nível de ensino. A crescente população estudantil se tornou fenômeno investigativo em suas diversas nuances e desdobramentos; entre eles aqueles(as) que se deslocam diariamente para estudar fora de suas cidades natais localizadas nos interiores dos Estados brasileiros, em virtude da inexistência de unidades federais, mas que com a expansão proporcionou essa circulação diária para cidades relativamente próximas.

Conforme Tavares e Monteiro, (2019, p. 42), os “deslocamentos em busca de oportunidades educacionais, principalmente de nível superior, têm se intensificado nos últimos anos, relacionado à expansão da oferta de ensino superior”. Logo, compreender essa mobilidade geográfica diária ultrapassa a ideia de deslocamento de um ponto a outro, mergulhando nas entrelinhas desse percurso, em outras palavras, os motivos que levam ao deslocamento, bem como os desafios e os impactos na relação com a universidade e na construção de si como estudante, principalmente para as jovens mulheres com limitado acesso à cultura escolar nas cidades distantes dos centros urbanos.

Alagoas, para cursar o nível superior – por meio de entrevistas biográficas, seguindo orientações metodológicas de Delory-Momberger (2012). Porquanto, as entrevistas aconteceram e estão acontecendo em dois momentos na plataforma do *Google Meet*, sendo gravadas, transcritas e analisadas na interface com os teóricos da pesquisa biográfica em educação, relação com o saber e juventudes.

As estudantes que se deslocam diariamente de uma cidade para outra, a fim de cursar o ensino superior em uma instituição pública quebram barreias culturais e econômicas. E muito embora a educação a distância, especialmente privada, tenha alcançado lugares remotos do território brasileiro, é frequente a mobilização, em virtude da qualidade da educação na universidade pública, que se preocupa com a problematização dos contextos e busca uma prática educativa libertadora da consciência de si e do mundo. Deste modo, os esforços das estudantes, remetem às reflexões de Paulo Freire (2019), para quem a grande luta do ser humano (homem ou mulher) é de superação dos fatores que os fazem acomodados ou ajustados, que ameaçam e oprimem seu processo de humanização e construção de projetos de vida.

Nesse sentido, os estudos de Reis (2018) são imprescindíveis, identificando as contribuições teóricas-metodológicas da pesquisa biográfica em educação para os estudos das juventudes nas universidades públicas federais brasileiras, sobre sua relação com o aprender em múltiplas dimensões.

Parte-se do pressuposto de que os estudos nesta perspectiva enfocam o “lugar para a construção biográfica do sujeito através do processo de educação, de formação e de socialização e explora as formas e os significados dessas construções biográficas nos diferentes momentos históricos” (REIS, 2021, p. 09). Considera-se, ainda, que a apropriação biográfica do mundo social se dá por diferentes lógicas de aprendizagens, entre eles, o de ser estudante universitária. Por sua vez, essa aprendizagem se revela em distintas dimensões: cognitiva, subjetiva, identidade profissional e de gênero, que entrelaçadas configuram experiências marcantes do percurso formativo, qual sendo narrado e refletido gera uma história sobre si.

Nas palavras de Valérie Melin, em entrevista cedida a Reis e Alves (2018, p. 6), a atenção que a pesquisa biográfica em educação traz para os(as) jovens “o reconhecimento da singularidade que o constitui enquanto indivíduo permitem interrogar criticamente uma determinada concepção de juventude como coletivo homogêneo”. Autores do campo dos estudos com juventudes, como Feixa (2018), Pais (2001), Reis (2022), Weller (2014), dentre outros fundamentam também a importância dos estudos com narrativas com os/as jovens como colaboradores/as da pesquisa e não como apenas dados a serem analisados.

Sendo assim, antes de adentrar nas narrativas propriamente ditas, destaco a seguir brevemente a base epistêmica e metodológica da pesquisa biográfica.

2 ALGUNS ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA BIOGRÁFICA EM EDUCAÇÃO

Trata-se de um estudo qualitativo, com abordagem biográfica⁴, alicerçado na hermenêutica dos sentidos das experiências vividas e apreendidas, como dispositivos de compreensão de si no tempo histórico.

No campo da educação, Cavaco (2009, p. 222 e 223), esclarece que a experiência pela aprendizagem resulta “da influência recíproca das condições objetivas dos contextos reais e das condições subjetivas do sujeito”. Estas duas condições estão no fundamento das atividades de aprendizagens teóricas e comportamentais, convertidas em experiências mais ou menos marcantes a depender do grau de importância dado pelo(a) aprendente. Essa interface que provoca uma singularização do sujeito, tem na narrativa a possibilidade de perceber o tempo como uma dimensão humana, pois é mensurado por meio das experiências narradas. Conforme Paul Ricoeur (2010, p. 10), “o tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência”.

A pesquisadora francesa Delory-Momberger (2008, 2012) apresenta pressupostos que possibilitam a análise empírica do estudo, ao relacionar questões específicas entre o sujeito, o biográfico e as experiências construídas em processos de aprendizagens. A autora (2008, p. 56) ressalta que esse entrecruzamento é visível a partir da narrativa, “uma vez que incide em “lugar no qual o indivíduo toma forma, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida”. Neste ínterim, os espaços educativos são propícios a autoformação – percebendo as lógicas de apropriação e transmissão dos saberes adquiridos por meio de experiências de aprendizagens. Esse processo também é denominado de atividade biográfica, que reporta uma atitude mental e comportamental no confronto com os modelos biográficos estabelecidos pela sociedade através de suas instituições, expondo uma forma própria de discurso sobre suas ações e experiências significativa.

⁴ Aqui entendida do mesmo modo como pesquisa narrativa ou história de vida em formação, com pressupostos teóricos e metodológicos definidos, mas que em virtude de sua profundidade o artigo é incapaz de dar conta.

Essa atividade biográfica quando narrada em experiências de aprendizagens que marcam determinados tempos da vida, leva a construção de uma história de vida. Marie-Christine Josso (2007, p. 414), afirma que no caso dos espaços de formação escolar e superior, o trabalho de pesquisa biográfica fincada na “narração das histórias de vida [...] centradas na formação [...] permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social”. Ainda, na concepção da autora (2007), a história de vida é o meio para tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como para expor as influências de outros em sua formação.

Alves (2020, p. 285) considera que na narrativa biográfica a vida privada se tona pública, desencadeando “um movimento de revisão, reflexão, reencontro consigo mesmo a fim de encontrar sentido e dar forma ao que foi vivido”. Logo, Delory-Momberger (2012, p.524), acrescenta ser essa “a singularidade que a pesquisa biográfica se dá por tarefa apreender, mas não é uma singularidade solipsista, é uma singularidade atravessada, informada pelo social, no sentido em que o social lhe dá seu quadro e seus materiais”. Além disso, segundo Reis (2020, p. 298) esta forma de fazer pesquisa “se move em uma dupla e recíproca configuração sendo, ao mesmo tempo, momento de pesquisa e de formação para aqueles que dela fazem parte, inclusive para aquele que conduz a pesquisa, que se forma como pessoa, como pesquisador/a e formador/a”. Portanto, os momentos de entrevistas biográficas são oportunos e desestabilizam percepções puramente tradicionais acerca da figura do(a) estudante universitário(a) e coloca em evidência a relação interdependente entre aprender e saber na construção da experiência formativa.

Na universidade, o aprender envolve o esforço pessoal em apropriar-se de determinados códigos, comportamentos e linguagem científicas para possuir o que ainda não é possuído (o saber – em forma de conhecimento e título). Em cena também estão as condições objetivas e subjetivas em que isto acontece. Tal movimento convertido em experiências acadêmicas, ao serem narradas vão gerando sentidos ao percurso da vida, na esfera familiar, carreira profissional, percepção políticas e outros.

Na abordagem biográfica conforme Delory-Momberger (2012), opta-se pelas entrevistas de pesquisa biográfica, direcionadas a certas temáticas da vida, cujo(a) pesquisador(a) desempenha o papel de ouvinte atento e mediador das narrativas.

Neste dispositivo, enquanto o(a) narrador(a) interpreta a si no marco sócio-histórico, o(a) pesquisador(a) analisa a narrativa sob a ótica de suas reservas de conhecimento e de suas próprias vivências, contribuindo também em sua formação enquanto pessoa e pesquisador(a). Esse processo é compreendido pelo campo da pesquisa biográfica, enquanto heterobiografização.

Conforme Delory-Momberger (2012, p. 526) a finalidade da entrevista em formato narrativo é de apreender a singularidade de uma fala e de uma experiência, por meio de uma escuta sensível que compreende “a configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá a sua própria existência e que funda o sentimento que tem de si próprio como ser singular e social”. Em outras palavras, o ato de narrar envolve esquemas mentais, culturais e comportamentais particulares, desenvolvidos nas interações com as estruturas sincrônicas e diacrônicas que molda os percursos individuais, mesmo que os(as) participantes compartilhem contextos similares.

Cada entrevista com cada jovem participante, inclusive esta que é apresentada no artigo, utiliza a plataforma *google Meet* como mediador. As entrevistas foram e estão sendo gravadas e transcritas com permissão das estudantes. Por se tratar de um dispositivo metodológico que parte das nuances presente no tempo de vivência em que a fala está sendo feita, não existe um roteiro de perguntas semiestruturadas. A partir de uma questão inicial, as outras se desdobram com o decorrer daquilo que as jovens desejavam compartilhar sobre seu passado, presente ou expectativa futura. Ao passo que as estudantes narram sobre si, são anotados alguns pontos de suas falas. A seguir são apresentadas algumas anotações do caderno de campo sobre o que ocorre quando a entrevista é finalizada:

Me dirijo a cada participante da seguinte forma: “Seu relato é lindo e muito potente, eu fiz algumas anotações, na verdade são curiosidades que surgiram à medida que você foi falando. A partir disso, questiono algumas de suas falas para compreender de maneira mais efetiva o que elas decidiram compartilhar. Então, com o retorno a fala, a participante além de detalhar o evento, vai apresentando outros que não em primeira mão compartilhados”, (PESQUISADORA).

Ao encerrar o primeiro momento, fica acordado com cada estudante que após a transcrição, a narrativa será enviada aos seus e-mails para uma leitura pessoal e o segundo encontro é marcado para partilhar suas impressões a respeito de como foi

ler sua própria história, pontuando o que deveria ser retirado, modificado ou acrescido. Como explica Reis (2021), os novos encontros com os/as participantes da pesquisa são **restituições reflexivas partilhadas**⁵.

Considera-se as jovens enquanto sujeitos biográficos na sua complexidade e múltiplas facetas, como salienta Passeggi (2016, p. 70) quando sugere que, “enquanto sujeito, sofremos e agimos ao mesmo tempo, o tempo todo”. Ou seja, ao narrar sobre ser estudante, as jovens ainda que subordinadas às regras da universidade, têm iniciativa para reconstruir a sua realidade, com o seu pensar, o seu sentir e o seu querer, afirmando-se como sujeito biográfico. É, pois, sobre esse processo que contam as narrativas de Frida, que são apresentados a seguir⁶.

3 FRIDA, A PRIMEIRA JOVEM DE SUA FAMÍLIA A ESTAR NA UNIVERSIDADE PÚBLICA – UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO SOBRE SUA FORMAÇÃO

Em 14 de abril de 2021 participa da entrevista uma jovem mulher, Frida, de 24 anos, residente na cidade de Marechal Deodoro-AL com sua tia – aproximadamente uma hora e meia de Maceió – era estudante do oitavo período da licenciatura em Pedagogia do Campus A. C. Simões da UFAL. O curso em questão não foi sua primeira escolha, no entanto, por ausência de recursos financeiros, a Pedagogia, com o decorrer das experiências de ensino, pesquisa e extensão, ganhou sentido na vida profissional de Frida, consistindo para ela em lugar de transformação social. Os argumentos da importância da experiência universitária na vida da jovem estudante perpassam todo seu relato.

O encontro de Frida com a Pedagogia chamou a atenção para o fato de que as experiências e sentidos sobre tais, podem ser construídos na relação social, e que é possível despertar o interesse por uma profissão, pois o ser humano é sujeito a mudanças em decorrência das interações estabelecidas com outros e com o meio. É claro, que nas falas de Frida esse encontro aconteceu diante de muitas turbulências e estranhamentos, principalmente no início da graduação. Porém, com vínculos sólidos de amizade, na participação de congressos acadêmicos, grupos de extensão

⁵ Diálogo compartilhado sobre a primeira entrevista, com novas reflexões que se constituem em novas “experiências realizadas”, ver Reis (2021).

⁶ Nome fictício para preservar a identidade da participante, conforme acordado no Comitê de Ética, processo 09806418.7.0000.5013.

e de pesquisa, Frida se encontrou enquanto estudante universitária da Pedagogia e futura professora.

Utilizando palavras incisivas para dar sentido as suas aprendizagens e construir sua história da formação – no ziguezaguear entre passado, presente e futuro, conforme Paul Ricouer (2010) – se destacaram: esforço, orgulho, vitória e emancipação, reunidas subjetivamente na expressão: “Eu sou a primeira mulher da minha família a estar na universidade pública”. O orgulho com qual pronunciava a frase recorridas vezes, respondia ao rompimento de um ciclo de julgamentos sobre ela, desde sua infância. Então, como descreve Lovelace (2017, p. 111) “a princesa pulou da torre e ela aprendeu que podia voar desse o começo”.

A partir da universidade eu comecei a me enxergar, olhar pra mim e dizer: eu consigo! É com muito esforço, mas consegue. Se eu cheguei até aqui, eu consigo chegar em outros lugares. Eu comecei a compreender que não existia isso de dizer: ah esse espaço não me cabe! Onde eu quiser, os espaços vão me caber sim, é só o fato de eu querer estar naquele ambiente, (FRIDA).

O olhar para si e suas vivências acadêmicas geraram experiências subjetivas sobre ser estudante universitária em mobilidade geográfica diária, dentre as principais temáticas destacadas em suas narrativas do percurso formativo, se evidenciaram: as conquistas e dilemas na esfera intelectual, institucional e subjetiva; a universidade como lugar de sociabilidade; gênero, trabalho e enfrentamentos da mobilidade geográfica diária para estudar. De um modo geral as aprendizagens epistêmicas e biográficas nessas temáticas recorrentes nas narrativas, foram acompanhadas de memórias a respeito da consciência de Frida sobre seu potencial, entendendo a necessidade de seu esforço pessoal para alcançar objetivos definidos, ao tempo em que significava os acontecimentos acadêmicos na sua vida:

A Frida de antes eu acho que não que fosse por intenção, mas acho que um tanto vazia. E hoje eu posso dizer que, eu não sou a pessoa mais inteligente do mundo, mas eu carrego muito conhecimento comigo. E isso me alegra muito, porque ninguém vai poder tirar isso de mim. Isso que eu falo é em relação ao trabalho, a academia, por exemplo, de tentar o mestrado. Então, hoje em dia eu sou mais segura em relação a isso. Eu tenho consciência das minhas deficiências, das minhas limitações, mas eu também tenho consciência das minhas qualidades, das minhas virtudes, eu tenho consciência do meu esforço, que realmente eu ralei muito para conquistar

tudo que eu conquistei. Então é algo que eu me orgulho muito. Então é esse diferencial, eu sou uma pessoa consciente, mais crítica e sou uma pessoa orgulhosa da caminhada que eu tive, (FRIDA).

Nesse meandro, recorro às proposições de Dayrell (2003, p. 44), para quem um ser singular é capaz de “se apropriar do social, transformando em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações”. Frida, ao longo do seu percurso sinuoso, entendeu que se mobilizar, ou seja, criar táticas para estudar e assim atingir seus objetivos, não somente a levou a aquisição de uma profissão, mas revelou suas potencialidades enquanto uma jovem mulher. Concomitantemente, as experiências de ensino, pesquisa e extensão, alinhadas às amizades construídas no Campus, influenciaram no sentido que Frida criou para representar a universidade na história de sua formação “A UFAL pra mim é minha segunda casa”, afirmou a jovem.

Palavras como o auge, momento ímpar, revolucionário, outro patamar, expressavam suas conquistas, as quais ganharam novas expectativas a cada interpretação tecida por Frida sobre seu percurso como estudante universitária. Esse processo no âmbito da pesquisa biográfica, também é tratado por Gaston Pineau (s/n) de autoformação, ou seja, a apropriação por cada um do seu próprio poder de formação, libertando-se dos determinismos produzidos pelas estruturas sociais, interrogando cotidianamente os eventos que lhe acontecem.

Simultaneamente, o modo como Frida se entendia enquanto estudante universitária, comprovou que esse processo é complexo e não linear, envolvendo aspectos subjetivos que não podem ser desconsiderados durante a aprendizagem desse novo papel social. Paivandi (2014, p. 47), reforça essa teoria ao dizer que “implica as múltiplas relações ligando o indivíduo e seu mundo aos outros e ao meio ambiente social. A relação de cada sujeito com o aprender é singular e compreende a experiência vivida pelo aprendente e a maneira como ele a interpreta”.

Nesse quesito, ao longo de seu relato, a condição de mobilidade geográfica diária não incidia em algo novo que necessitava de uma construção interna para interpretar a experiência. Ao contrário disso, Frida já realizava esse movimento desde o ensino médio, quando estudava em Maceió, dando a ela suporte para entender seu deslocamento como parte da escolha em estudar em uma universidade pública fora de sua cidade. O que Frida precisou colocar a prova e trabalhar para interpretar,

foram os desafios específicos do universo acadêmico ao seu redor, pois a dinâmica se diferenciava do espaço escolar, dentre eles: estabelecer rotinas de estudo, se apropriar das formas avaliativas das disciplinas, da carga de leitura, se envolver em pesquisa e extensão, alinhando esses desafios aos dilemas de sua juventude: namoro, família, trabalho e lazer.

Por outro lado, mesmo familiarizada com o deslocamento diário, Frida compartilhou o medo em ser vítima de algum tipo de violência, principalmente no regresso para casa. Se sentir segura fisicamente não fazia parte desse contexto, seja dentro ou fora do Campus. A. C. Simões. Por estar localizado em uma área de vulnerabilidade e próximo a penitenciária estadual, casos de roubos eram frequentes nas imediações da unidade. Portanto, Frida relatou que buscava circular no Campus na companhia de alguns(as) amigos(as), principalmente no horário noturno.

As reflexões analíticas sobre as narrativas de Frida estão permeadas por outras dimensões de sua experiência na universidade e no curso, que não é possível nesse texto abordar. No mais, debruçar o olhar sobre a construção de jovens mulheres como estudantes universitárias, a partir do viés das singularidades, é pensar como o percurso formativo influencia para definir a si mesmo na relação com a sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que esse artigo se propôs - a pesquisa biográfica para os estudos com juventudes - colocou em evidência as reflexões de Certeau (2014), para quem afirmar conhecer a história de alguém num determinado campo, incide em um movimento com início, porém sem fim. É subir e descer escadas, girar em torno da história, pois as narrativas que a compõe não são ditas em tempo linear, ou seja, obedecendo dias, meses e anos. Se entrelaçam para contar sobre si enquanto sujeito em formação, que se modifica a cada encontro e narra sem obedecer a lógica temporal, e nesse contexto é impossível captar os detalhes. Para o autor (2014, p. 144), “eis que o prazer de contar encontra pertinência científica [...]. Faz todas as idas e vindas desse relato exercer um ato de pensar”. E para aqueles(as) interessados(as) em compreender como o outro pensa sobre si mesmo, é preciso entrar na dança, aprendendo e interpretando os movimentos.

Frida, ao narrar sua vida e experiências na universidade, nos fez identificar que ela não se encaixa em espaços pequenos, se espalhando em toda superfície, sendo gigantesca em seus passos: supera desafios dos deslocamentos geográficos, das exigências da cultura acadêmica e etc. Mesmo reconhecendo seus obstáculos, Frida apresenta as experiências na universidade como uma valorização de si, como jovem estudante capaz de produzir novas perspectivas de futuro.

Portanto, a entrevista de pesquisa biográfica em educação, tem proporcionado a coparticipação de Frida e de outras jovens colaboradoras, em coerência aos pressupostos partilhados sobre a importância de dispositivos que realizem pesquisas com os/as jovens, com sua reflexividade e seus modos de expressão.

REFERÊNCIAS

- CAVACO, Carmen. Experiência e formação experiencial: a especificidade dos adquiridos experienciais. **Educação Unisinos**, n.13, p. 220-227, 2009.
- Certeau, M. de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. **Revista estudos sobre a juventude**. Ed.9 , n.22, 2005.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40-52, 2003.
- FEIXA, Carles. La imaginación autobiográfica: Las historias de vida como herramienta de investigación. **Barcelona: Gedisa**, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2019.
- Fórum Nacional de Pró-reitores de assuntos comunitários e estudantis (FRONAPRACE). **V pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileira**, 2018.
- JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Revista Educação**, Porto Alegre/RS, n. 3, p. 413-438, 2007.
- LOVELACE, Amanda. **A princesa salva a si mesma neste livro**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- MOMBERGER, Delory. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. EDUFRN. São Paulo: Paulus, 2008.
- MOMBERGER, Delory. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista: Belo Horizonte**, v.27, n.01, p.333-346, abr. 2011.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. Portugal: Edições Machado, 2001.

REIS, Rosemeire; ALVES, Camila Aloisio. Pesquisa Biográfica em Educação e Juventude: Entrevista com Christine Delory Mombenger e Valérie Melin. **Revista: Debates em Educação**, vol.10, n.20, p. 2-10, 2018.

REIS, Rosemeire. Pesquisa biográfica e heterobiografização: fonte de aprendizagem para o/a pesquisador/a. **Revista Portuguesa de Educação**, nº 33, p. 295-309, 2020.

REIS, Rosemeire. Juventudes, vida universitária e relação com o saber: contribuições das narrativas de si. *Revista Debates em Educação*, vol. 14, nº 35, -, 30-57, 2022.

REIS; SILVA: ALMEIDA, Desafios enfrentados pelos/as estudantes na universidade: contribuições dos estudos brasileiros do GPEJUV. In: **Pesquisa e formação docente na graduação em Pedagogia**. Alagoas: ADUFAL, 2021.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**: a integra e a narrativa histórica. São Paulo. Editora WFM Martins Fontes, 2010.

TAVARES, E.; MONTEIRO, J. Movimentos pendulares para trabalho e estudo: estratégias metodológicas a partir dos Censos Demográficos de 2000 e 2010. **Revista GEOSUL**, Florianópolis, v. 34, n. 73, p. 33-58, 2019.

WELLER, W. Narrativas biográficas de jovens: o que seus destinos revelam? In: CARRANO, P; FÁVERO, O. **Narrativas juvenis e espaços públicos**: olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais. Niterói: Editora da UFF, 2014, p. 355-374.